

A mesa/La table

Ponge, Francis.

Edição bilíngüe. Tradução de Ignacio Antonio Neis e Michel Peterson.

São Paulo: Iluminuras, 2002.

A encenação da poesia e da tradução

Há duas questões que freqüentam com assiduidade os ensaios literários: qual o objeto da literatura e qual a sua forma de representação? Quanto à primeira, as respostas não são muitas: ou a literatura se volta para o mundo que nos cerca (e daí um número imenso de coisas a representar) ou volta-se para si mesma, refletindo sobre seus próprios processos de significação. Quanto à segunda, a resposta, embora mais simples, exige talvez mais nuance, pois a representação do mundo ou a dos processos de produção de texto pela palavra está sempre em suspenso: no limiar de mudanças – regras novas que outros tempos impõem – ou em risco de falência – o de sucumbir à impossibilidade de dizer.

Em se tratando de poesia, e mais ainda de poesia moderna (o adjetivo já aponta para a pluralidade do sentido das palavras), o impasse é ainda maior: fugindo ao descritivo e expressando-se por fragmentos, buscando a contenção e concentrando a tensão do sentido e da forma, o poema, ao significar o mundo e seus objetos ou a própria criação e seus mecanismos de expressão, constitui um foco de resistência ao uso comum da língua que faz explodir a clareza e todo sentido lógico.

Em suma, é disso que trata o volume intitulado *A mesa*, publicado pela editora Iluminuras, que, além de trazer primorosa tradução do poema *La table*, de Francis Ponge, reflete longamente sobre o processo tradutório, que norteou tal empreendimento, bem como sobre problemas concretos que nascem, não só da tradução de poesia, como também da especificidade da própria linguagem.

Em edição bilíngüe, o poema é apresentado em forma de dossiê, reunindo suas 63 folhas ou quadros, devidamente datados de 1967 a 1973, como um diário, com tradução de Ignacio Antonio Neis e Michel Peterson. Há quem considere as folhas ou quadros “como tentativas abortadas, tentações repelidas ou pranchas recusadas, [...] que exibem então os aleatórios da escritura no horizonte do texto perfeito, fechado a sete chaves”. Por outro lado, há os que os consideram como “textos de pleno direito, que funcionam de maneira absolutamente autônoma” (: 99). Os tradutores se alinham com a segunda opção interpretativa, pois vêem na obra poética de Francis Ponge, poeta ainda pouco traduzido e difundido no Brasil, muito mais que uma simples

poesia de objetos, a que muitas vezes a obra é reduzida, uma tentativa de desvelar o estado nascente da linguagem, uma tentativa de “dizer no sentido intransitivo do ‘dizer’, isto é, falar no momento presente, como homem, como animal, [...] e mostrar como as coisas se fazem no próprio momento, criar a comunicação direta, não pela recitação de um produto acabado, mas pelo exemplo de uma operação em ato, de uma palavra (e, portanto, de um pensamento) no estado nascente”, como diz o poeta em entrevista a Philippe Sollers (: 18). Na realidade, o poeta não vê o mundo em suas formas acabadas, espregueia coisas em formação; não fala uma linguagem em sua forma perfeita, balbucia sons e suspeita sentidos; não constrói poemas, dilacera formas já gastas e acabadas. Convém lembrar que *A mesa* data de um período fervilhante da vida intelectual francesa, em que grandes nomes trazem importantes inovações no campo das ciências sociais e humanas (Lacan, Foucault, Kristeva, Barthes, Derrida, Deleuze, entre outros).

A tradução, que respeita criteriosamente o formato das folhas originais, revela uma preocupação constante com as dificuldades que o texto pongiano suscita, e põe a descoberto a luta do tradutor entre traduzir o lado semântico das palavras e conservar sua forma significante: “[traduzir Ponge] leva a utilizar recursos polissêmicos da língua de chegada, mesmo quando estes estão ausentes no texto de partida, o que permite de alguma forma compensar a perda inicial e mergulhar o texto *inventado* em uma nova constelação significante” (: 43). Eis por que a publicação que a Iluminuras ora traz a público é precedida por um longo aparato teórico assinado pelos dois tradutores. As partes intituladas “Francis Ponge: de emendatione temporum” e “A fábrica d’*A mesa*”, de autoria de Michel Peterson, ressaltam a importância da revolução pongiana na poesia, um modo de “apreensão do mundo que passa pelo poder sugestivo da sonoridade das palavras e das letras, desse resto germinador em que o sentido se ausenta no infinito do gozo” (: 27). Seu autor salienta ainda o papel fundamental de *A mesa* no conjunto da obra, pois considera tal poema “a certidão de nascimento do escritor Ponge”, embora pertença a sua última fase. A datação não tem a menor importância: “*A mesa* é a cena originária da obra pongiana, e só!” (: 64). Com efeito, trata o poema como “um laboratório de pesquisa” (: 71) e uma oficina de trabalho poético, sobre cuja *mesa* o texto “recua, avança, desacelera, acelera, parece por um momento paralisado, mas acentua a seguir sua cadência através de ritmos imprevistos” (: 97).

A parte seguinte, “O canteiro da tradução”, de autoria de Ignacio Antonio Neis, acha-se em perfeita consonância com as precedentes: desvenda, como o próprio título sugere, o trabalho árduo do operário da palavra, ou seja o tradutor-também-poeta. Analisando a “tradicional topologia dualista” (: 122) que opunha mensagem e forma, comenta as diversas tendências por que

passou a técnica de tradução e discute as novas propostas que foram tomando corpo ao longo das pesquisas sobre o trabalho tradutório. A técnica mais apreciada é a que comandou o trabalho dos dois tradutores de *A mesa*, aquela que se condiciona à maneira específica pela qual cada poema produz sentidos – a significância: “o caminho para traduzir o poético passa pela recriação, na língua-alvo, da significância do poema”, (: 128) ou seja, o predomínio do significante sobre o significado. O cerne da atividade tradutória, diz ainda o professor Neis, é o processo de geração de sentidos. Só desse modo a tradução da poesia criativa e inovadora de Francis Ponge se torna possível.

O público de língua portuguesa passa a dispor, assim, com a presente publicação, não só da possibilidade de acesso a mais um poema desse importante poeta francês da primeira metade do séc. XX, como também de uma competente reflexão sobre as mais modernas teorias de tradução poética.

Edson Rosa da Silva
[UFRJ]